



Imagens jornalísticas em circulação: símbolos x totens¹

Ana Paula da Rosa²

Universidade Tuiuti do Paraná/ Universidade Federal do Paraná

Resumo

Este artigo pretende, a partir do conceito de mediatização, investigar como se dá o processo de circulação das imagens intermediárias tendo como foco os afetamentos mútuos entre instituições não midiáticas e atores individuais que se valem das imagens fotoperiodísticas. Parte-se do pressuposto de que muitas imagens jornalísticas são reapropriadas e reinscritas na própria mediatização, de modo que a memória iconográfica individual vai sendo substituída ou abastecida a partir da manutenção em circulação destas imagens. O corpus é composto de por uma série de fotografias do 11 de setembro, captura de Saddam Hussein e da morte de Michael Jackson. O que se busca responder é como se dá a criação de imagens simbólicas ou totens pela mediatização? O artigo está estruturado em três partes: as imagens como objeto; lógicas midiáticas de simbolização e inferências sobre mediatização das fotografias jornalísticas.

Palavras-chave

imagem; jornalismo; mediatização; totemismo

1 Objetos em jogo x jogo de imagens

As imagens cada vez mais têm cercado os homens, tanto que Hans Belting chegou a defender a tese de que a sociedade da imagem não é uma sociedade contemporânea ou tampouco fruto de um século de imagens, ao contrário, antes mesmo da era da arte, teria existido a era da imagem. Deste modo, pensar o momento atual onde as imagens se proliferam em dispositivos diversos, desde blogs a jornais impressos, é uma necessidade latente. Essa necessidade se manifesta de um lado na crescente escalada das imagens técnicas, para adotar o termo cunhado por Vilém Flusser, e de outro no uso replicante das imagens jornalísticas por dispositivos que não são, essencialmente, de instituições midiáticas. Isto é, vivemos um momento onde a mediatização já está enraizada na cultura, sendo comum, por exemplo, que um estudante

¹ Trabalho apresentado no DT 4 – Comunicação Audiovisual do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 31 de maio a 2 de junho de 2012

² Ana Paula da Rosa é doutoranda em Ciências da Comunicação na Unisinos e mestre em Comunicação. Coordenadora dos cursos de Comunicação e Marketing da Universidade Tuiuti do Paraná e professora na Universidade Federal do Paraná.



de 15 anos faça um vídeo e poste no *youtube* e nos dispositivos que partilha para contar sobre algo de seu dia ou para manifestar simplesmente, contudo a criatividade aparente destas incursões midiáticas de atores cada vez mais midiaticizados revela uma face importante para pensar o jornalismo contemporâneo.

Ao observar empiricamente três casos, que integram uma pesquisa de doutoramento³, percebe-se que as imagens manipuladas pelos usuários da web são fotografias e vídeos inscritos em dispositivos jornalísticos em uma primeira instância, que são, em uma segunda, apropriados e recolocados em dispositivos diversos, reabastecendo, ciclicamente, a própria mídia, uma vez que este artigo adota a perspectiva da midiaticização como a unificação e diferenciação dos mercados discursivos a partir de três dimensões que se afetam mutuamente: processos comunicacionais, contextos sociais e dispositivos. Entende-se, portanto, que a midiaticização diz respeito às intersecções entre estes três elementos, sendo essencialmente uma questão de circulação, ora intra ora entre dispositivos, que demonstra uma relação de poder.

Deste modo, o que se pretende com este artigo é, a partir do conceito de midiaticização, investigar como se dá o processo de circulação/circularidade das imagens intermediáticas tendo como foco as imagens de Saddam Hussein, Michael Jackson e do 11 de setembro. Parte-se do pressuposto de que muitas imagens jornalísticas são reapropriadas e reinscritas na própria midiaticização, de modo que lógicas midiáticas são mobilizadas para transformar uma imagem em símbolo de um acontecimento ou em totens deste. O que se busca responder é como se dá a criação de imagens simbólicas ou totens pela midiaticização?

2 Lógicas midiáticas mobilizadas na transformação de uma imagem em símbolo do acontecimento

Ao tomar como ponto inicial das operações midiáticas o fato de que as instituições não-midiáticas, ou aquelas que não possuem fins jornalísticos, se valem de estratégias também midiáticas para alcançar o campo das mídias, percebe-se que, cada vez mais, os fatos vêm sendo colocados em uma situação de secundários em relação aos

³ A pesquisa de doutoramento está em estagio final, sendo a previsão de defesa para junho de 2012. O trabalho é orientado pelo prof. Dr. Jairo Ferreira e vem sendo desenvolvido na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos) por esta autora.



sentidos gerados pelas coberturas jornalísticas, isto é, não é o fato que conta, mas como ele é constituído em acontecimento midiático. Charaudeau (2007), Rodrigues (1993), Benetti (2011) procuram distinguir fato e acontecimento, sendo o fato aquilo que está dado, da ordem do que ocorre, e o acontecimento é algo a ser criado. Queré (2005) destaca que o acontecimento é mais que um fato, ele é criador de sentidos e, portanto, suscita, desperta, experiências. Isso pode ser percebido na geração das imagens do caso Saddam Hussein, onde a produção das imagens sobre sua captura, e conseqüentemente do acontecimento, foi realizada pela Instituição Não Midiática Forças Armadas Americanas, tendo o discurso defendido e legitimado pelas Instituições Midiáticas jornalísticas. Assim, não é a captura em si, o fato, mesmo que as manchetes façam referência a ela, mas como esta captura foi “construída” *para e nas* instituições midiáticas mediadas por seus dispositivos. No 11 de setembro e na coleção Michael Jackson, a forma como o acontecimento foi produzido é ainda mais significativa, pois no WTC apenas as fotografias de agências de notícias americanas ou inglesas foram veiculadas (*Associated Press e Reuters*) o que implica em um viés não só político, mas também cultural, já que a cobertura oriental e ocidental se diferenciam até mesmo pela angulação das imagens que operam sobre a forma de percepção⁴.

O acontecimento da derrubada das torres foi retratado como o maior atentado de todos os tempos, decretando que não apenas a “América havia sido atacada”, mas que o mundo jamais seria o mesmo depois de então. Não sendo o bastante, as repetidas imagens das torres em chamas desencadearam um efeito de comoção mundial, o que resultou em centenas de vídeos produzidos por atores individuais e que estão disponíveis no *youtube*, numa espécie de homenagem ao próprio povo americano. Independentemente dos motivos, a angulação das reportagens e a reiteração das imagens permitiram atribuir ênfase não somente ao acontecimento, mas ao acontecimento jornalístico/midiático. Do mesmo modo no que tange à morte de Michael Jackson o fato em si teve uma importância pequena diante da cobertura midiática atribuída, até mesmo pela invisibilidade resultante da ausência de registros fotográficos do momento da morte. O cantor foi não apenas mantido vivo, como também idolatrado através da

⁴ Essa abordagem sobre o efeito cultural das coberturas pode ser encontrado em Luciano Guimarães (2005, p.06). O autor defende que o fotojornalismo se baseia em estratégias para construir o imaginário simbólico de modo que ao expor uma fotografia produzida por um repórter de origem ocidental irá implicar numa forma de interpretação da esquerda para direita, porém ao inverter esta imagem, que é o modo como os orientais lêem, da direita para a esquerda, o sentido altera-se. Assim, uma cobertura efetuada apenas agências ocidentais tende a reforçar o viés das instituições não midiáticas em jogo ou das próprias instituições midiáticas que representam.



inserção de imagens de arquivo e de depoimentos relativos ao auge de sua carreira, postos em circulação em dispositivos diversos tanto jornalísticos como não. Apesar das tentativas de reconstituir o momento da morte, mesmo que verbalmente, a maneira de ilustrar o seu falecimento é que possibilitou a eternização da imagem do cantor como um astro.

Ante o exposto fica evidente que o contexto de cada um dos fatos altera sua transformação em acontecimento, porém, independentemente dos contextos distintos, interessa dizer aqui que nos três casos analisados nesta tese há lógicas midiáticas que são mobilizadas para transformar uma imagem em símbolo. Contudo, questiona-se: símbolo de quê? E para quê tal esforço? A resposta não é tão simples. O esforço desta simbolização se dá nas três coleções de modos diferentes, ainda que articulados. A imagem de Michael Jackson negro transformada em símbolo permite cultuar uma memória positiva do astro e barrar as negativas. A imagem de Saddam ditador possibilita cultuar a memória de suas atrocidades e justificar/reforçar a própria Guerra Contra o Terror conduzida pelos Estados Unidos. Por fim, transformar a imagem das torres gêmeas em chamas em símbolo permite cultuar a imagem de poder, mesmo diante da vulnerabilidade. Isto é, as torres do WTC rompidas estimulam a comoção, a inclusão do Ocidente que representam. Assim, as imagens vetoras são símbolos de fatos que perdem tangibilidade, mas que tem esta característica recuperada pela sua retomada constante via exposição em dispositivos. Entretanto, não é a repetição que torna a imagem simbólica, mas a sua capacidade de constituir-se no próprio acontecimento, deslocando a relação com o referente, capacidade esta só possível a partir das estratégias e lógicas da midiatização e são estas lógicas que serão recuperadas e sistematizadas no próximo subitem, inclusive de modo a responder a pergunta quanto a que tipo de relação comunicacional pode ser inferida a partir dos processos de totemização?

3. Entre apagamentos, eleições e replicações

As imagens do *World Trade Center* em chamas, de suas vítimas, do Pentágono, que narram o ocorrido em 11 de setembro são mostradas em excesso e apagadas a partir do momento em que apenas a imagem das torres permanece circulando. Uma estratégia para tornar isso possível foi atrelar a toda e qualquer imagem decorrente do 11 de



setembro a imagem das torres em chamas, ainda que em espaços menores, o que permitiu que esta imagem fosse a única a ter direito de permanecer acessível ao campo das mídias. No caso de Saddam, do mesmo modo, a imagem de ditador e de sua estátua sendo destruída foi inscrita em inúmeros dispositivos, mas apagada pela exposição de sua captura e de detalhes de sua prisão. Não sendo o bastante, com o passar do tempo, essas imagens também são apagadas e deixam de ficar acessíveis, retomando a imagem primeira, de ditador. Michael Jackson por sua vez, aparece como criança e, no auge de sua carreira, tem esta imagem apagada quando outras sobre seus escândalos se sobrepõem. Ao morrer suas imagens do auge da carreira são retomadas, tornando-se as únicas acessíveis.

Deste modo, uma imagem eleita pelas mídias, pelos vários critérios de noticiabilidade que não são necessários comentar aqui, só é alçada à categoria de símbolo do acontecimento, passando a constituir-lo, por meio de movimentos de circulação intermediária, ou seja, por processos que se transformam pela produção, consumo, reinscrição em dispositivos midiáticos diversos e que resultam na alteração do espaço de circulação. Assim, a força simbólica está diretamente ligada às lógicas empregadas para fazer as imagens perdurarem no tempo, para além dos acontecimentos a que se referem. Estas lógicas podem ser desmembradas em seis etapas: **APARECIMENTO/OFERTA–APAGAMENTO/DESAPARECIMENTO – REAPARECIMENTO – REPLICAÇÃO – RESTRIÇÃO - TOTEMIZAÇÃO**. O aparecimento está relacionado ao acesso, ou seja, como os fatos e suas imagens chegam às instituições midiáticas e como são disponibilizados para serem vistos. O aparecimento deixa evidenciar as marcas das operações realizadas pelas instituições não midiáticas envolvidas, bem como do próprio discurso produzido/reproduzido nos dispositivos. Ou seja, trata-se de operações de produção. O aparecimento é, por um lado, fruto do acesso ao campo das mídias e, de outro, do trabalho feito nos dispositivos jornalísticos para sua exibição. Isto é, os fatos aparecem, bem como as imagens, mas ao ingressar no campo das mídias passam a pertencer a este espaço e, portanto, sofrem as lógicas dos meios, principalmente no que diz respeito aos mecanismos de eleição/seleção por critérios de noticiabilidade, por exemplo, já apresentados em cada caso.

No que diz respeito ao apagamento, transcorrida a fase de eleição das imagens sínteses dos fatos ou de sua transformação em acontecimento midiático, as imagens são inscritas em dispositivos diversos afetando as demais esferas do sistema



comunicacional. Contudo, esses afetamentos implicam em inscrições por parte de atores individuais e de instituições não midiáticas que acabam por contribuir, via interação, para a instância do apagamento. Isto é, uma imagem replicada diversas vezes, em diversos dispositivos e que retorna ciclicamente aos dispositivos jornalísticos, tende a ser uma imagem que resiste ao apagamento, ela sofre uma espécie de “blindagem” pela circulação. No entanto, as demais imagens ofertadas permanecem existindo, mas são opacadas. Tome-se como exemplo, a imagem das vítimas do WTC, elas apareceram, tiveram acesso ao espaço noticioso, mas foram obscurecidas por imagens mais fortes como a do avião colidindo contra a segunda torre. Assim as imagens integram um jogo de acessibilidade x inacessibilidade, de aparecimento x apagamento, de visibilidade x desaparecimento, de acesso x excesso, movimentos estes que se intercalam.

Mas, para além destas binariedades, a terceira operação midiática é a de reaparecimento, quando as imagens e seus discursos recebem o direito de se constituírem nas únicas a serem vistas, gerando sentidos que não estão dados e que são “acrescidos” a partir do descolamento⁵/deslocamento da imagem do fato inicial e da sua circulação como vetora. Isto significa dizer que o reaparecimento implica na construção ou na restrição de algo, pois há dois aspectos a serem observados aqui. O primeiro diz respeito ao reaparecimento da imagem vetora, como no caso do WTC, o que implica numa continuidade de inscrições. O segundo aspecto tange ao reaparecimento de imagens que estavam opacadas, mas que em virtude de novos movimentos midiáticos precisa ser reinscrita ou recuperada, caso de Saddam ditador. Deste modo, o reaparecimento como categoria é uma terceira etapa, a qual está diretamente articulada com a próxima.

Dentre as lógicas midiáticas empregadas para atribuir força simbólica a uma imagem está o potencial de replicação. A fotografia “escolhida” é disposta em diversos dispositivos jornalísticos e, ao ser reiterada em dispositivos não noticiosos, seja de atores individuais ou de instituições não midiáticas, passa a pertencer a estas instâncias de consumo produtivo, sendo que estes reforçam nos dispositivos que dominam as imagens e os discursos já postos em circulação anteriormente, ainda que produzam novos discursos e sentidos sobre. Desta maneira, a repetição de uma mesma imagem

⁵ O termo descolamento é adotado aqui no sentido metafórico do decalque, isto é, não significa que a imagem se desprenda por completo, mas que ocorrem transformações nas relações entre as imagens significantes e a realidade referida. Então, há um descolamento e ao mesmo tempo um deslocamento.



diversas vezes e sua inscrição em dispositivos múltiplos, jornalísticos ou não, afeta o acontecimento, principalmente, do ponto de vista de sua rememoração.

Entretanto não basta somente a repetição. Para além das imagens em “eco”, a criação do símbolo passa, necessariamente, por uma espécie de restrição, a penúltima categoria aqui desenvolvida. A restrição é um resultado da replicação, pois quando uma imagem é inscrita demasiadamente na circulação, a referência deixa de ser o acontecimento e passa a ser a própria imagem midiaticizada anteriormente, constituindo-se no fenômeno de autorreferencialidade midiática. Significa, deste modo, que uma imagem é alçada à categoria de símbolo de um acontecimento quando por sua replicação, em dispositivos jornalísticos e, principalmente, de atores individuais, acaba por restringir o acesso de outras imagens existentes ao espaço midiático⁶, resultando, como consequência, na restrição da interpretação e da existência de outras imagens. Em minha perspectiva, é exatamente essa imagem autorreferencial, que se torna símbolo e, nestes casos, totem⁷.

Em outras palavras, o símbolo de um acontecimento, seja o 11 de setembro, a execução de Saddam ou a morte de Michael Jackson, é a criação de um terceiro no e pelo campo das mídias em interação com as demais esferas do comunicacional, portanto, através da circulação. Este terceiro aqui mencionado se reporta à tríade de Peirce (2003) em que um símbolo se refere a um objeto denotado em virtude da associação de ideias produzidas via convenção. Para Peirce (p.71) o símbolo é “um representamen cujo caráter representativo consiste exatamente em ser uma regra que determinará seu interpretante”, isto é, a regra irá determinar a referência mental daquele determinado acontecimento ou signo.

Na visão de Merrell e Queiroz (2008) o símbolo tem relação com seu objeto semiótico pelo uso repetido e regular, transformado em um hábito que depende dos contextos. “Os símbolos unem ícones e seus alvos semióticos, os índices e seus objetos. Os símbolos, por sua vez, são regulados por hábitos”. Isto é crucial para entender que um símbolo pode variar ao longo do tempo em função dos contextos e ser resimbolizado, ressignificado constantemente até a perda da relação de referência anterior, que é o que chamo de apagamento. Não se trata, porém, de um apagamento da

⁶ O termo espaço midiático é adotado aqui não apenas para definir o espaço dos dispositivos jornalísticos, mas também o espaço de produção de materiais significantes de atores individuais e instituições que não possuem o jornalismo como seu fazer.

⁷ A abordagem do conceito de totem será feita mais a frente, mas convém ressaltar que símbolo e totem não são sinônimos, mas interdependentes. O totem leva em conta estruturas profundas do social.



imagem simplesmente, mas a sua modificação por camadas de contextos acrescidos, por relações com outros contextos e imagens, que geram imagens totens ou imagens simbólicas autorreferenciais e que dizem respeito apenas a si mesmas.

Porém, há uma ponderação importante a ser feita, se um signo pode ser ressignificado, se a mente pode interpretar um signo de determinada forma neste momento e posteriormente fazê-lo de modo diferente, é possível dizer que a interpretação é um processo *ad infinitum*, então não poderia existir uma restrição da interpretação. Em partes tal raciocínio tem razão de ser, contudo, entendo aqui que a interpretação pode ser finita ou limitada pela oferta das imagens, isto é, se há uma oferta pequena de imagens ou uma limitação imposta, assegurada pelas instituições midiáticas, não há como interpretar imagens que não são ofertadas ou vistas. E se circulam apenas as mesmas imagens a limitação da interpretação está dada, pois como já afirma Kamper (2000) apenas o visível existe.

Ressalto que uma imagem só se torna símbolo de um acontecimento via convenção, mas a convenção se dá via dispositivos, por meio da circulação intermediária e que esta convenção não se trata de um contrato social prévio, mas de uma construção conjunta, que leva em conta valores sócio-antropológicos já integrantes da cultura. O que significa que a criação simbólica se dá pela midiatização, ou seja, pelos mecanismos de seleção e escolha de determinada imagem e pelo jogo de poder entre produtores e consumidores que se alternam em seus papéis. Ou seja, não importa apenas o aparecimento da imagem, mas também o hábito de reproduzir determinada imagem fazendo *links* ao acontecimento, de modo que este seja constituído pela própria imagem, não por semelhança ou por contigüidade, mas pela regularidade de seu uso, ofertando uma interpretação do possível, ou melhor, uma restrição do possível. Com base nestas proposições a tabela abaixo mobiliza estas categorias conforme cada caso. Quanto à coleção Saddam observa-se que há quatro mobilizações, pois o jogo de imagens foi mais constante e abrange um tempo maior compreendido entre 2003 e 2006.



Caso	Oferta de Imagens	Acesso	Apaqueamento	Reaparelamento	Eleição	Replicação	Restrição	Tome a Voz
WTC (atentado)	Ampla	Primeiro livre, depois restrito	Torres antes do atentado; Pentagono; Vitimas; Bombeiros	Avião colidindo contra segunda torre	1) Torres em chamas; 2) Avião colidindo na segunda torre	Das eleitas	A outras imagens	Torres e avião
Michael Jackson (morte)	Pequena	Restrito	Casos polêmicos; Pedofilia; doenças	Imagens da infância; o cantor negro nos tempos de Jackson Five e no auge da carreira	Michael Jackson negro	Imagens de arquivo em que o cantor aparece negro, no auge	Imagens polêmicas	Michael Rei do Pop
Saddam (estátua)	Ampla	Livre	Ocupação do Iraque pelos EUA; População comemorando nas ruas	Ditador	1) bandeira americana cobrindo rosto de Saddam; 2) Derrubada da estátua	Das eleitas	Imagens da ocupação pelos EUA	Estátua calando ou Bagdiah cal
Saddam II (captura)	Pequena	Restrito	Estátua destruída; População; ditador	-	Saddam preso como animal	Da eleita e disponível	Saddam ditador	Saddam animal
Saddam III (Julgamento)	Média	Livre e depois restrito	Captura; Dentro da cela	Ditador	Ditador	Da eleita, isto é, Saddam como ditador	A qualquer outra imagem	Ditador
Saddam IV (execução)	Pequena	restrito	Estátua; Captura; Dentro da cela	Ditador	Ditador	Ditador	A qualquer outra imagem	Ditador Punido

Quadro desenvolvido por esta autora a partir da análise dos materiais

Observa-se no quadro acima que as categorias demonstram como o acontecimento vai sendo abordado ao longo do tempo, desde a etapa inicial de oferta de imagens, simplesmente pelo aspecto indicial, até a constituição da imagem vetora. Essa passagem de uma primeiridade para uma terceiridade implica na interpretação deste acontecimento e é aqui que se torna crucial a ideia da criação simbólica via mediatização. É o simbólico que produz o vínculo entre o que é possível e o que de fato existe, instituindo uma interpretação destes dois aspectos. Ou seja, tanto os possíveis como os existentes passam a ser ampliados, restringidos e organizados por este terceiro que é o símbolo e que configura-se, essencialmente, como mediação.

Assim, entendo que nas coleções em análise, a convenção que permite transformar determinado signo em símbolo se deu pelos processos de circulação intermediária, ou seja, pela eleição de uma imagem para circular entre diversos dispositivos midiáticos, sejam eles jornalísticos ou não. Os critérios que nortearam tais escolhas variam conforme cada caso, mas dizem respeito ao modo como as instituições midiáticas “regem” a circulação dos materiais significantes e produzem esta convenção através do controle da regularidade da exposição de determinadas imagens no tempo, pondo em operação as seis categorias mobilizadas anteriormente. Tome-se como

exemplo as torres gêmeas em chamadas empregadas como janelas dentro de outras imagens durante a cobertura do atentado de 11 de setembro de 2001 e suas sucessivas “comemorações” por conta do passar dos anos. Do mesmo modo, a regularidade de mostrar o cantor Michael Jackson negro, no auge de sua carreira, seja para falar de sua morte ou para divulgar um álbum póstumo, leva a determinar que esta é a única imagem a ser vista, sendo difícil recuperar, ainda que mentalmente, outras imagens do cantor.

No entanto, não é apenas a convenção regida, orquestrada, pelas instituições midiáticas que interessa, ao contrário é o jogo de poder inerente a este processo que ganha destaque. A criação simbólica é resultado do processo de interpretação do possível que inclui as camadas de sentido, de contexto, acrescentadas neste movimento de interpretação dos vários jogadores. Em síntese, imagens são escolhidas por instituições midiáticas, são replicadas em dispositivos diversos, restringindo, num primeiro momento, o possível, ou seja, o acontecimento se refere somente àquelas imagens (autorreferencialidade), e, segundo, restringindo a interpretação e a experiência, afinal não há nada mais para ser visto, analisado, pensado. Deste modo, a restrição da interpretação está ligada ao que chamo de imagens totens, ou seja, imagens que se tornam mais do que simples metáforas visuais, mas que sobrevivem para além do tempo dos acontecimentos e se constituem em não-coisas na perspectiva de Flusser, mas que não são esvaziadas de sentido, elas são, ao contrário, reificadas, investidas de uma força quase mágica⁸.

Assim, a partir do momento em que uma imagem é eleita, replicada e se torna um biombo⁹ para outras imagens, ela passa a ser inserida na circulação de modo que se transforma, gradativamente, no acontecimento, sendo que esta fotografia não pode mais ser esquecida. Isto é, a inscrição na memória midiática permite que esta mesma imagem seja também inscrita na memória coletiva e no repertório iconográfico individual.

⁸ A ideia de magia aparece em diversos estudos relacionados a imagem, seja em Cassirer ou mesmo em Edgar Morin e Gilbert Durand que argumentam que as imagens possuem uma força mágica, inexplicável em certa medida, mas que dizem respeito a relação do homem com o seu duplo. Aqui seria possível dizer que as imagens totêmicas ganham força mágica por serem os duplos dos fatos, mas também pela devoção/crença que estas imagens suscitam.

⁹ A expressão biombo é utilizada aqui na mesma perspectiva de Flusser quando aponta que as fotografias cada vez mais se tornam biombos porque não permitem ver além, ou seja, deixam de ser janelas. Esta menção está no livro *Filosofia da Caixa Preta*

4. Do símbolo ao totem

Falar em símbolo ou em construção simbólica de imagens demanda, obrigatoriamente, abordar o poder simbólico a partir das inferências transversais dos três casos que integram o corpus deste artigo. Isto porque a perspectiva hipotética adotada é a de que as imagens totens passam a hierarquizar/organizar as demais imagens a respeito dos acontecimentos em função do seu poder, restringindo a interpretação e a existência. Porém tal processo só se efetiva no âmbito do comunicacional. O foco deste artigo está em pensar o comunicacional, isto é, pensar a comunicação enquanto poder, mesmo que seja possível identificar nas processualidades midiáticas as ritualidades e as estratégias provenientes das interações entre atores midiáticos e instituições. Dito de outro modo, não se trata de negar as estratégias, mas de compreender a diversidade estratégica como diversidade relacional e, principalmente, diversidade de um objeto representante sobre um outro, representado, também em sua diversidade.

O caso da obra de arte produzida por Maria Von Keller, pode ser um bom exemplo.



Ela representa o momento em que Michael Jackson apresenta o filho para a imprensa, mas ao atrelar o título “*Madona and Child*” e ao apresentar a obra após a morte do astro são perceptíveis outras relações em jogo. Tanto a artista como os que



negam a imagem, por ser esta uma espécie de “atentado” à memória do ídolo, promovem ações estratégicas, porém a comunicação não se dá na restrição de outras possibilidades relacionais, mas, sim, do ponto de vista da processualidade midiática, isto é, pelo reconhecimento dos processos e das várias possibilidades relacionais em jogo.

Assim, há diversas possibilidades de representação de um acontecimento e também de simbolização deste. Insere-se aí uma determinada estrutura que traz implícita, tanto na esfera da produção como do reconhecimento, determinados imaginários ou determinadas primeiridades. Isso implica dizer que é preciso compreender que a instalação dessa processualidade simbólica¹⁰, isto é, a instalação de relações como dominantes perante outras, uma vez que outras imagens e símbolos são negados, faz com que esses símbolos e relações tenham uma força de imanência que se realiza perante as demais possibilidades, mesmo que seja possível observar estas operações em estratégias e rituais dos atores individuais em interação com as instituições. Mas o quê de fato faz com que estas operações se realizem? Percebe-se uma necessidade, sócio-semiótica, de compreender esta instalação como sendo dominante perante o outro. A hipótese sugerida aqui é que a processualidade simbólica se consolida em decorrência de uma processualidade outra que é social e psico-socio-antropológica, isto é, que transcende as ações dos indivíduos e das instituições.

Trata-se, portanto, de compreender o que é isso que a sociedade consolida e que domina as próprias ações e interações, sendo isso, especificamente, do midiático. Pela análise empírica percebe-se que há movimentos que são realizados tanto por produtores como por receptores, em alternância de papéis, sendo que uma imagem é consolidada como “símbolo” principalmente quando ela passa a ser uma forma de reatualização do próprio acontecimento e é empregada em dispositivos diferentes. Mais do que isso, nos três casos percebeu-se que as imagens eleitas¹¹ pelas instituições midiáticas, por sua acessibilidade, poder de circulação e ao mesmo tempo de pregnância, foram dispostas em quadros menores sobre fotografias maiores ou em narrativas sequenciais, numa espécie de perspectiva em abismo, permitindo uma “reocorrência” do acontecimento no plano midiático. De modo tal que as imagens são postas em circulação, replicadas, inseridas em dispositivos midiáticos jornalísticos ou não, até que se transformem “na imagem” ou “no símbolo”, enfim, que se consolidem perante outras imagens possíveis.

¹⁰ Processualidade esta entendida como a criação de símbolos que remetam e definam os acontecimentos

¹¹ Em sua maioria em planos abertos, com ampla profundidade de campo, sem a valorização de pessoas e compostas segundo o eixo esquerda- direita



Ou seja, não há espaço nas processualidades para construir imagens alternativas, pois estas são restringidas, impedidas de voltar a circular.

Isto é, no caso do cantor Michael Jackson tanto a artista Maria Von Keller, como a instituição midiática, acabam condicionando as possibilidades de reflexão e interpretação da situação polêmica envolvendo o astro, já mencionada, na medida em que delimitam as possibilidades de simbolização e relações evidenciáveis. Isto é ainda mais gritante no caso Saddam Hussein, por exemplo, onde a delimitação das imagens disponíveis incorre na restrição das relações possíveis de serem feitas. Portanto, trata-se de um poder que se instala, poder este que pode ser observado nas relações e interações estratégicas e ritualísticas. Reforça-se, porém, que este poder é transcendente em relação às ações e interações, pois é, de certa forma, um símbolo de alguma estrutura profunda do social que se manifesta, aqui chamada de totem.

O totem para Ernst Cassirer (2001) é exatamente esta estrutura profunda, manifesta por um tipo de intuição mítico-religiosa que realiza a ordenação do mundo e que gera um sentimento de pertença. Há, de um lado, um sentimento-de-si, que se articula, de outro, com a necessidade de fazer parte de uma comunidade. Esta estrutura profunda que diz respeito à esfera da representação do totemismo envolve a relação homem-animal, homem e consciência mítica, o que, por consequência, diz respeito ao imaginário¹². Tais colocações são importantes para entender que na criação das imagens totens pela midiatização há uma convocação do imaginário, ou seja, de imagens imateriais prévias. Se por um lado há um bloqueio das relações e dos símbolos possíveis, há, derivado disso, um bloqueio dos imaginários. Entretanto, é o inverso, isto é, pelo bloqueio das possibilidades de objeto, há uma limitação do próprio imaginário. Em outras palavras, pode-se inferir que se existe uma gama de relações possíveis nos três casos, estas relações deveriam ser expostas enquanto diversas possibilidades. Por outro lado, há diversas relações possíveis entre o objeto representante e o objeto representado (referente) que não são evidenciáveis, nem podem ser expostas, o que implica numa flexibilização da simbolização.

¹² O imaginário na visada de Gilbert Durand (2001) é abastecido por imagens já vistas, sendo indissociável dos mitos.



5. Referencias bibliográficas

BAITELLO JUNIOR, Norval. **O animal que parou os relógios**: ensaios sobre comunicação, cultura e mídia. São Paulo: Annablume, 1999, reimpressão 2003.

_____. **Comunicação, mídia e cultura**. Perspectiva. São Paulo: Fundação Seade, outubro/1998.

_____. **A era da iconofagia**: ensaios de comunicação e Cultura. São Paulo: Hacker Editores, 2005.

BELTING, Hans. **Pour une anthropologie des images**. Paris: Gallimard, 2004.

_____. **Likeness and presence**: a history of the image before the era of art. Chicago, London: The University of Chicago Press, 1994.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

CASSIRER, Ernst. **A filosofia das formas simbólicas**. São Paulo: Martins Fontes, 2001;

DURAND, Gilbert. **Estruturas antropológicas do imaginário**: introdução e arquetipologia. 2ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FERREIRA, Jairo. Epistemologia e novo habitus (o caso como conhecimento social e individual). Ícone (Recife), v. 11, p. 1-12, 2009.

_____. Questões e linhagens na construção do campo epistemológico da comunicação. In: FERREIRA, Jairo (org) **Cenários, teorias e epistemologias da comunicação**. Rio de Janeiro: E- papers, 2007.

_____. **Analogias, comparações e inferências sobre o método como lugar de identidade**. IN: Anais do XVII Compós. São Paulo: 2008

_____. **Midiatização: dispositivos, processos sociais e de comunicação**. Paper: PPGCOM São Leopoldo, 2008.

FLUSSER, Vilém. **O mundo codificado**: por uma filosofia do design e da comunicação. Organizado por Rafael Cardoso. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

_____. **Filosofia da caixa preta**: ensaios para uma futura filosofia da fotografia. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.



KAMPER, Dietmar. Os padecimentos dos olhos. In: CASTRO, G.; CARVALHO, E. ; ALMEIDA, MC. (orgs). **Ensaio de Complexidade**. Porto Alegre: Sulina, 1997, p. 131-137.

KAMPER, Dietmar. Imagem. In: **Cosmo, Corpo, Cultura: Enciclopédia Antropológica**. A cura de Christoph Wulf. Milano, Itália: Ed. Mondadori, 2002

NUNES, Mônica Rebecca Ferrari. **A memória na mídia**: a evolução dos memes de afeto. São Paulo: Annablume, 2001.

PEIRCE, Charles. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2003.

QUÉRÉ, L. Entre o facto e o sentido: a dualidade do acontecimento. **Trajectos**, Lisboa, n. 6, p.59-75, 2005.

RODRIGUES, Adriano Duarte. **Experiencia, modernidade e campos dos media**. 2000. Disponível em www.bocc.ubi.pt.